



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

## **A estética do sonho:** Foucault leitor de Freud e Binswanger Carolina de Souza Noto

**Como citar:** NOTO, C. de. S. A estética do sonho: Foucault leitor de Freud e Binswanger. *In:* VACCARI, U. R. (org.). **Arte & Estética**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 261-276.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-004-7.p261-276>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# A ESTÉTICA DO SONHO: FOUCAULT LEITOR DE FREUD E BINSWANGER

*Carolina Noto*

## INTRODUÇÃO

Retomo aqui uma discussão desenvolvida por Foucault naquele que foi seu primeiro texto publicado: o comentário introdutório a *Sonho e Existência*, de 1930, do psiquiatra suíço Ludwig Binswanger. A ideia é lançar luz sobre a maneira como, aos olhos de Foucault, a psiquiatria existencial se diferencia da psicanálise no que diz respeito à interpretação dos sonhos.

O texto é de 1954. Naquele momento, vale lembrar, o jovem Foucault está absolutamente imerso no debate psicológico da época. Como se sabe, além da formação em Filosofia, Foucault também é licenciado em Psicologia. Em meados da década de 40, quando entra na *Ecole normale supérieure*, segue os cursos de psicologia que Merleau-Ponty leciona tanto na Sorbonne quanto na ENS; no início da década de 50, atua em laboratórios de Psicologia Experimental e começa a

<https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-004-7.p261-276>

lecionar a disciplina de Psicologia na Universidade de Lille e depois na própria ENS. Interessa-se sobretudo pela história da psicologia e pela apropriação que a psicopatologia faz do pensamento fenomenológico, mais particularmente do pensamento de Heidegger. Nesse contexto, em 1953, faz uma visita a Binswanger, junto com a amiga Jacqueline Verdeaux, para tratarem da tradução desse livro que pode ser considerado a obra programática da *Dasainanalyse*.

Seguramente Foucault não é o responsável pela introdução da psiquiatria existencial na França. Já em 1945, Merleau-Ponty se refere a Binswanger em sua *Fenomenologia da percepção* e também Jean Hyppolite, amigo e professor de Foucault, insistia em suas conferências do início da década de 50, que a psicanálise teria muito a ganhar caso se apropriasse de algumas considerações da fenomenologia heideggeriana, tal como fizera Binswanger. Como veremos, o eco desses dois autores é visível no texto que Foucault escreve em 1954 sobre o livro de Binswanger.

O presente texto divide-se em duas partes. Na primeira, procurarei retomar, de maneira bem geral e esquemática, o modo como Foucault situa Binswanger em relação a Freud. Veremos que, dando continuidade à reflexão de Hyppolite, Foucault vê na psiquiatria existencial um misto entre a empreitada psicológica e concreta de Freud e a empresa fenomenológica e pura de Husserl, constituindo assim, uma espécie de um saber misto: empírico e transcendental. Num segundo momento, procurarei ver mais de perto de que modo a interpretação dos sonhos propostas pelos dois psicólogos evidencia a diferença de perspectiva e de alcance das duas teorias.

## **I. FREUD, BINSWANGER E HUSSERL: O PROBLEMA DO SENTIDO**

Na introdução a *Sonho e Existência*, Foucault procura analisar as teorias do sonho de Binswanger e Freud contrastando esses dois autores a Husserl. A estratégia não é original. Também Hyppolite, em diversas conferências do final da década de 40 e ao longo da década de 50, apresenta a analítica existencial de Heidegger contrapondo-o à fenomenologia de Husserl e à psicologia de Freud. De acordo com

Hyppolite, a fenomenologia de Heidegger consiste numa espécie de junção da empreitada transcendental de Husserl e a preocupação empírica da psicanálise freudiana. Ou seja, numa junção de filosofia pura e reflexão concreta.

É exatamente nesses termos que Foucault procura compreender a teoria dos sonhos em Binswanger. De acordo com Foucault, podemos dizer que esses três autores (Freud, Husserl e Binswanger) propõem uma abordagem do homem que é comum à época: todos eles de alguma maneira criticam o modo como a psicologia nascente do século XIX pensa o homem nos termos de uma ciência da natureza; uma psicologia que, nos termos de Foucault, procura pensar o homem como *homo natura*, como ser natural, ou ainda, se quisermos, como ser biológico e que, por conseguinte, não está atenta aquilo que é específico no homem, aquilo que o diferencia dos demais seres naturais. É somente a partir do final do século XIX, garante Foucault, que se percebeu que a especificidade do homem não está em sua natureza biológica, mas em sua qualidade de produzir significado e sentido. Nesse contexto, o objetivo mais geral que estaria por trás tanto da psicanálise freudiana, quanto da fenomenologia husserliana e da psiquiatria existencial de Binswanger, seria encontrar um método capaz de compreender de que modo os homens dão sentido a suas experiências: como atribuem significado a suas experiências perceptivas ou vividas, emotivas e existenciais.

No interior dessa preocupação com a produção de sentido, Foucault chama atenção para o problema do sentido das imagens, oníricas ou não. E é aqui que o filósofo propõe o primeiro contraste entre Freud e Husserl. Assim como Hyppolite, Foucault atenta para a contemporaneidade das Investigações lógicas de Husserl e A interpretação dos sonhos de Freud, e segue a risca a tese de que o episódio é testemunha de um “[...] duplo esforço do homem para alcançar suas significações e encontrar a si mesmo em suas significações.” (HYPOLITE, 1971, p. 374). Para Foucault, contudo, os esforços desses dois homens (Husserl e Freud) em tocar o problema da significação direcionaram-se por caminhos distintos. Husserl estava preocupado em encontrar os atos da consciência que possibilitam, em geral, a produção de sentido:

os atos significativos que garantiriam, por exemplo, a ligação entre um determinado conteúdo sensível (como a imagem de um buraco na neve) e um determinado conteúdo ideativo ou significativo (a imagem pode tanto significar somente um buraco, para o leigo, ou uma pegada de uma lebre, para um caçador). Freud, por seu turno, teria deixado de lado a perspectiva transcendental, dos atos puros da consciência, para se dedicar à esfera empírica. Isto é: não estaria tão interessado em compreender os atos da consciência que, em geral, possibilitam a produção de significado (e esclarecemos aqui que entendemos por perspectiva transcendental aquela que se pergunta pelas condições de possibilidade a priori da significação), mas compreender os elementos empíricos ou concretos que determinam, de modo a posteriori e histórico o sentido de nossas vivências, de nossos sintomas, assim como de nossos sonhos. A psicologia de Freud, portanto, aos olhos de Foucault, está mais voltada para o concreto.

Mas, nesse contexto, o que dizer de Binswanger? Onde podemos situa-lo: do lado de uma reflexão transcendental ou de uma investigação empírica? Ora, dirá Foucault, a pesquisa de Binswanger concilia os dois domínios. Assim como Husserl, Binswanger também está preocupado em encontrar as condições gerais que possibilitam o sentido, que possibilitam que tanto os sintomas quanto os sonhos tenham alguma significação. Porém, enquanto o olhar transcendental ou fenomenológico de Husserl estava voltado para os atos puros da consciência, Binswanger inflecte a problemática transcendental para o campo da existência. Inflexão essa que, como se sabe, faz da fenomenologia uma ontologia; faz da pergunta pelos modos de conhecer uma pergunta sobre os modos de ser. No entanto, garante Foucault, ao psiquiatra suíço não interessava somente compreender a estrutura geral da existência: como é, para todos os homens, existir. Interessava-lhe também compreender a maneira como cada homem em particular existe; ou seja, compreender a estrutura transcendental da existência em seu conteúdo efetivo e concreto. Nesse sentido, sua empreitada se aproxima do olhar empírico e concreto de Freud. Assim como o psicanalista, Binswanger quer entender o sentido singular tanto dos sintomas quanto dos sonhos, quer pensa-los como manifestações particulares de uma vida

concreta, de um modo singular de ser e de existir. Com as palavras de Foucault: a psiquiatria existencial de Binswanger quer apreender o “[...] conteúdo de uma existência que se vive e se experimenta, se reconhece ou se perde em um mundo que é, ao mesmo tempo, a plenitude de seu projeto e o elemento de sua situação.” (FOUCAULT, 2010, p. 73).

## **II. A ESTÉTICA DO SONHO: FOUCAULT LEITOR DE FREUD E BINSWANGER**

Frente ao caráter misto da empreitada de Binswanger, a teoria psicanalítica dos sonhos sofre, aos olhos de Foucault, de um déficit transcendental e ontológico: suas interpretações das imagens oníricas nunca são capazes de apontar para condições gerais e necessárias que justifiquem seus sentidos. Para Foucault, o significado dos sonhos, em Freud, está sempre restrito ao campo da história pessoal do sujeito que sonha e a elementos contingentes de sua vida passada; nunca aponta para a estrutura transcendental da existência humana, nem para a estrutura transcendental do próprio ato de sonhar ou de imaginar.

Com efeito, a Freud interessou sobretudo compreender o significado das imagens oníricas enquanto expressão ou realização de desejo ou, o que dá no mesmo, enquanto manifestação do inconsciente. A interpretação do sonho, nesse contexto, procura encontrar na história pessoal do sonhador os desejos e contra-desejos que nele se expressam; limita-se a ver nas imagens oníricas uma alusão ao aspecto contraditório e conflituoso de desejos inconscientes. Nesse sentido, a imagem de um incêndio, tal com encontramos no primeiro sonho do famoso caso Dora, remeteria a um desejo sexual ardente, assim como ao desejo de apaga-lo e abrandá-lo. Confirma Foucault: “O fogo onírico é a ardente satisfação do desejo sexual, mas o que faz com que o desejo tome forma na substância sutil do fogo é tudo aquilo que recusa esse desejo, buscando sem cessar apaga-lo” (FOUCAULT, 2010, p. 76).

Não nos interessa aqui resgatar os detalhes interpretativos desse sonho de Dora, mas retomar rapidamente os dados mais gerais desse caso clínico de Freud. Dora é uma jovem de 18 anos que foi paciente de Freud durante 3 últimos meses do ano de 1900 e cujo estudo clínico

gira em torno, principalmente, de dois sonhos. Um importante acontecimento na vida de Dora em torno do qual se desenrola a análise, assim como as interpretações dos dois sonhos, é chamado por Freud de “a cena do Lago” e é considerado, pelo psicanalista, o trauma psíquico responsável pela gênese do estado patológico histérico da paciente. Quando Dora tinha 16 anos, durante um passeio num lago junto ao chamado Sr. K, amigo de seu pai, este lhe fizera uma proposta amorosa. De acordo com Freud, Dora teria vivenciado a cena de modo ambivalente: ao mesmo tempo com prazer e com repulsa. Por um lado, sente-se atraída pelo amigo de seu pai, por outro, toma a proposta como afronta a sua honra e procura a todo custo negar seu desejo sexual. Ora, é precisamente esse conflito pulsional que está em jogo na interpretação freudiana do primeiro sonho de Dora. É, pois, da seguinte maneira que Freud conclui sua interpretação: “[...] você está disposta a dar de presente ao Sr. K. o que a mulher recusou a ele. Aí está o pensamento que precisa ser reprimido com tanto esforço [...]” (FREUD, 2016, p. 72). De acordo com Freud, o primeiro sonho de Dora é revelador tanto do intenso amor que a menina sente pelo amigo de seu pai e por seu pai, assim como do enorme esforço em recalcar, abrandar ou apagar tais sentimentos. Nesse sentido, Foucault parece ter razão ao afirmar que o significado do primeiro sonho de Dora, que tem como imagem central um incêndio, está circunscrito ao campo conflitual dos desejos, do embate entre desejos e contradesejos inconscientes.

Para Foucault, as análises freudianas dos sonhos seguramente têm um papel importantíssimo no interior da história da psicologia. Freud, afinal, garantiu-lhes o estatuto de uma experiência psicológica; deu a eles, pois, um sentido. Não se trata, portanto, de negar a originalidade e a relevância de Freud para se pensar o sentido do sonho. A questão, porém, é reconhecer até onde vai suas análises. Ou seja, reconhecer seus limites e propor uma nova maneira de pensar o sentido do sonho para além das análises psicológicas da Psicanálise. De acordo com Foucault, as análises freudianas do sonho omitem inteiramente “[...] a dimensão propriamente imaginária da expressão significativa.” (FOUCAULT, 2010, p. 76). Em termos linguísticos, Foucault afirma que, em Freud, o sonho só é analisado ou interpretado em sua função semântica,

nunca em sua estrutura morfológica e sintática: “A psicanálise não explora senão uma dimensão do universo onírico, a do vocabulário simbólico, ao longo da qual se faz a transmutação de um passado determinante para um presente que o simboliza.” (FOUCAULT, 2010, p. 107).

A limitação do método freudiano lembraria, de acordo com Foucault, a da Arqueologia quando esta estuda uma língua perdida da qual não conhece a gramática: tanto o psicanalista quanto o arqueólogo só são capazes de encontrar um sentido provável para as imagens analisadas; sentido provável que só é decifrado com o auxílio de certas referências exteriores a ele próprio. É somente depois de ouvir seu paciente e de coletar uma série de “pistas”, que Freud é capaz de articular um sentido para as imagens de um sonho. Foucault, então, arremata: “A análise freudiana nunca retoma senão um dos sentidos possíveis pelos atalhos da adivinhação ou pelos longos caminhos da probabilidade: o próprio ato expressivo jamais é reconstruído em sua necessidade.” (FOUCAULT, 2010, p. 78). E ainda: “No momento em que a análise tenta esgotar todo o conteúdo da imagem no sentido que ela pode esconder, o laço que une a imagem ao sentido é sempre definido como um laço possível, eventual, contingente.” (FOUCAULT, 2010, p. 77).

Concluindo. Para Foucault, em Freud, a análise do sonho restringe-se a uma análise psicológica; as imagens do sonho são reconhecidas somente como “formas da motivação” e não propriamente como uma “forma específica da experiência” (FOUCAULT, 2010, p. 88), mais particularmente, como forma da experiência imaginária. É verdade que Freud deu direito de cidadania ao sonho, porém, como insiste Foucault, só deu a ele o estatuto da fala; não reconheceu propriamente sua “realidade de linguagem” (FOUCAULT, 2010, p. 77). Procurou compreender a relação, eventual e contingente, que cada imagem pode ter com o conteúdo inconsciente do sujeito sonhador, mas não esteve atento à própria “estrutura da linguagem” que o possibilita. Com poucas palavras: faltou a Freud fazer uma redução transcendental do imaginário. Faltou compreender que o mundo imaginário tem suas leis próprias (sintaxe), e suas estruturas específicas (morfologia); que a imagem, portanto, é mais do que “[...] a realização imediata do sentido [...]” e



que não se explica somente por um “[...] determinismo das motivações inconscientes [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 117).

Aos olhos de Foucault, o passo que Binswanger deu em relação a Freud no que diz respeito à análise do sonho, consistiu precisamente em procurar um sentido para as imagens oníricas irredutível ao domínio psicológico. Trata-se, portanto, de ultrapassar a tese de que o sonho é realização de desejo, para pensá-lo também como uma experiência imaginária; experiência imaginária que, como veremos, consiste numa experiência de liberdade.

Para o jovem Foucault fenomenólogo, é o movimento da liberdade que serve de fundamento transcendental ao sonho e a imaginação como um todo. Nesse sentido, mais do que expressão dos desejos inconsciente ou mais do que repetições de um “passado traumático”, os sonhos consistem no próprio movimento originário da liberdade. Não é por outro motivo que Foucault entende que o caráter trágico do sonho está precisamente em trazer à tona “[...] a odisséia da liberdade humana [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 103).

Ao comentar o sonho como revelador do movimento da liberdade, Foucault retoma a interpretação de um sonho de um caso clínico de Binswanger. Trata-se do sonho de uma paciente de 33 anos que sofre de depressão severa, com crises de raiva e inibição sexual. A moça sofrera um trauma sexual com um rapaz que por diversas vezes a tentara seduzir. No início, reagia com interesse e curiosidade, depois passa a reagir de modo defendido e com raiva violenta. Após um ano em tratamento, sem que ainda conhecessem o trauma primário (o assédio sexual do rapaz), a paciente relata um sonho, transcrito da seguinte maneira por Foucault (2010, p. 110):

[...] ela está prestes a atravessar a fronteira, um fiscal aduaneiro faz com que ela abra sua bagagem: ‘eu desfaço, todas as minhas coisas, o funcionário pega uma após a outra; finalmente, eu tiro uma taça de prata envolta em um papel de seda. Ele então diz: “Por que você me traz a peça mais importante em último lugar?”’.

De acordo com Foucault, Binswanger indaga sobre o sentido da taça; junto com uma sensação de mal-estar e angústia a paciente associa a imagem do sonho com os objetos de prata que sua avó colecionava; no dia seguinte, à noite, um novo sonho: ela estava na casa de sua avó e tentava pegar uma maçã na despensa, o que lhe fora proibido. Nesse momento, um rapaz entra na despensa e se aproxima dela. No dia seguinte, as coisas parecem fazer mais sentido. Relatando ao médico o segundo sonho, vem-lhe à memória o armário onde sua avó guardava um bule de prata envolto em um papel prateado.

O sonho seguramente aponta para a dinâmica pulsional da vida passada da paciente. Foucault, porém, insiste que não é aí que reside seu elemento mais significativo: “[...] o ponto essencial do sonho não está tanto no que ele ressuscita do passado, mas no que ele anuncia do futuro.” (FOUCAULT, 2010, p. 110). Em Binswanger, o sentido mais profundo das imagens desse sonho está em apontar o caráter libertador da situação analítica. A imagem da alfândega onde a paciente abre sua bagagem e mostra tudo o que traz consigo, remete ao momento de passagem característico do fim da análise: passagem de um estado doentio de alienação, em que a paciente desconhece seus desejos inconscientes e vive uma existência inautêntica, para um estado de descoberta e de libertação em relação a esse passado aprisionador. Nesse contexto, garante Foucault, “[...] o sonho antecipa o momento da liberação.” (FOUCAULT, 2010, p. 110).

Ora, é justamente por não estar atentado ao movimento da liberdade, que Freud não foi capaz de apreender completamente o sentido do segundo sonho de Dora. É verdade que o psicanalista reconheceu os limites de sua interpretação, e que, de certo modo, previu que esse sonho apontava para a libertação e cura da paciente. Contudo, não desenvolveu a tese de que o sonho além de uma repetição do passado pode também ser presságio do que está por vir, ou seja, do próprio movimento existencial de projeção e de liberdade.

De acordo com Freud, a dificuldade de apreensão completa do sentido do segundo sonho de Dora deve-se ao fato da análise ter sido interrompida logo em seguida. Para o psicanalista, o segundo sonho não

é tão transparente quanto o primeiro porque Dora não mais retornou ao seu consultório e, por conseguinte, não lhe forneceu mais nenhuma “pista” acerca dos desejos inconscientes que estariam por trás dele. Foucault, porém, propõe outra explicação para a opacidade do sonho. Sugere que, para Freud, o ponto cego do sonho, aquilo que para o psicanalista é opaco e obscuro, é a própria interrupção da análise, enquanto movimento de libertação. Mas antes de chegarmos na interpretação existencial de Foucault, vejamos como é o segundo sonho de Dora e como Freud o interpreta (FREUD, 2016, p. 284).

Dora relatou: “Estou passeando numa cidade que não conheço, vejo ruas e praças que são novas para mim. Cheguei a uma casa onde moro, subo para meu quarto e lá encontro uma carta de mamãe. Ela diz que, como eu saí de casa sem meus pais saberem, ela não queria me escrever dizendo que papai estava doente. Agora ele está morto, e, se você quiser, pode vir. Vou para a estação de trens, e pergunto umas cem vezes: ‘Onde é a estação?’. Sempre me respondem: ‘Cinco minutos.’ Então vejo um bosque cerrado à minha frente, entro nele e lá pergunto a um homem que encontro. Ele me diz: ‘Mais duas horas e meia.’ Pediu-me que o deixasse acompanhar-me. Ele se oferece para me acompanhar. Eu recuso e vou só. Vejo na estação de trens [Bahnhof] à minha frente e não posso acançar-la. Nisso há a sensação de angústia habitual, quando não podemos seguir adiante nos sonhos. Então me acho em casa, devo ter andado de trem, mas não sei nada sobre isso. - Entro no cubículo do porteiro e lhe pergunto por nosso apartamento. A criada abre a porta e responde: ‘Sua mãe e os outros já estão no cemitério [Friedhof]’”.

A fim de compreender o sentido do sonho, Freud segue um caminho dedutivo que procura encontrar para cada imagem ou conjunto de imagens alguma relação entre elas e vivências recentes ou arcaicas de Dora. No que diz respeito ao passado recente, o sonho apresenta muitas imagens que se relacionam com as experiências de Dora na noite do sonho, mais precisamente, com uma reunião familiar que acontecera em sua casa. O primeiro elemento que aponta para essa reunião familiar é um cartão postal que Dora mostrara aos familiares; um cartão recebido de um pretendente (o que dá um caráter sexual ao sonho) onde há uma praça, que aparece no início do sonho. O cartão estava numa caixa de fotografias e Dora teve de perguntar a sua mãe “Onde está a caixa?”; na reu-

nião familiar, a presença de um primo para quem Dora teve de mostrar Viena, a fez lembrar do dia em que esteve pela primeira vez em Desden e se sentiu estranha (sentimento próximo ao de angústia que acompanha a situação de solidão) e da visita que fez à famosa galeria da cidade, onde ficou duas horas sozinha contemplando uma obra, A Madona. Essa lembrança aparece no início do sonho: Dora está vagando sozinha numa cidade estranha. A contemplação de A Madona remeteria à figura de sua mãe que também entra no sonho com a pergunta “Onde está a estação?”; esta pergunta relaciona-se com a pergunta que Dora fez à mãe na noite do sonho “Onde está a caixa?” e que para Freud tem conotação sexual já que “caixa” sugere o órgão genital feminino. Na reunião familiar, um brinde foi feito em homenagem a seu pai, e Dora viu em sua face cansada um certo receio por sua saúde. Daí viria a imagem do pai morto, no sonho. E o que significa a morte do pai? Aqui entramos no sentido mais arcaico do sonho.

Para Freud, o sonho de Dora é basicamente um sonho de vingança. De vingança tanto em relação ao pai, quanto em relação ao Sr. K, essas duas figuras masculinas que não satisfazem seus desejos sexuais, mas, ao contrário, reforçam a necessidade de recalca-los. No sonho, Dora é informada da morte do pai por uma carta enviada pela mãe que diz que, como a menina havia saído de casa sem o conhecimento deles (primeiro momento de vingança), a mãe não a havia informado que o pai andava doente, mas que se ela quisesse, agora poderia vir, pois ele estava morto (segundo momento da vingança). Esse último elemento (a fala da mãe “se quiser, pode vir”), remeteria o sonho à “cena do lago” e ao convite que a Sra. K (esposa do Sr. K) fez a Dora para passar as férias com eles. Depois dessa descoberta, percebe-se que muitas das imagens do sonho remetem à cena traumática. Pelo relato de Dora sobre a “cena do lago”, sabemos que após a proposta amorosa do Sr. K, a menina procurou voltar para casa dando a volta no lago, porém teve que percorrer um caminho mais longo, de 2 horas e meia (elemento que aparece no sonho) passando por uma floresta espessa (imagem que também aparece no sonho). Para Freud, tanto a imagem da floresta que Dora deve percorrer assim como a imagem da estação donde deve partir dão ao sonho certa conotação sexual; com as palavras do psicanalista essas imagens

ocultam “[...] uma fantasia de defloração, um homem procurando penetrar no genital feminino.” (FREUD, 2016, p. 292). Assim, se por um lado o sonho é revelador de um ardente desejo sexual (tanto homossexual – pela presença da figura feminina da mãe – quanto heterossexual, com as figuras masculinas do pai e de o Sr. K), ele é também um sonho que evidencia o desejo de aniquilar a fonte desses desejos que não se consomem. Um sonho, enfim, que põe em cena sentimentos de ódio, de aniquilação e de vingança.

De acordo com Freud, é principalmente esse sentimento de vingança que estaria por trás da interrupção da análise logo depois do sonho. Para o psicanalista, Dora provavelmente transferiu esses sentimentos a ele e consumou seus desejos interrompendo a análise. Para Foucault, contudo, como disse acima, a interrupção da análise de Dora, assim como seu segundo sonho, tem outro sentido que não essa significação psicológica: ambos são expressão de uma nova maneira de existir.

Seguindo a interpretação existencial de Binswanger, Foucault propõe que a significação mais profunda do segundo sonho de Dora está em seu caráter de ruptura que anuncia o fim da análise e a assunção de uma existência autêntica, isto é, livre. Diz Foucault: “Pode-se dizer que Dora curou-se, não apesar da interrupção da psicanálise, mas porque tomando a decisão de interrompê-la, ela assumia inteiramente sua solidão (...) solidão da qual sua existência, até aquele momento, não fora senão a marcha hesitante.” (FOUCAULT, 2010, p. 108). Vale notar que, no sonho, Dora sempre vagueia sozinha, sem qualquer companhia e ajuda. Para Foucault, todos os elementos do sonho “indicam essa resolução tanto como ruptura concluída quanto solidão consentida.” (FOUCAULT, 2010, p. 108). Esse sujeito solitário que deve decidir seguir seu caminho inteiramente sozinho é, para Foucault, a subjetividade radical que está em cena na experiência onírica de Dora; subjetividade radical cuja existência se define pela abertura ao devir e pela angústia de ter de tomar as rédeas de seu próprio destino.

Foucault lembra que, para Binswanger, são os sonhos de morte e de angústia (tais como o segundo sonho de Dora, assim como o da jovem paciente de Binswanger) que trazem à luz de maneira mais evidente

“as significações fundamentais da existência” (FOUCAULT, 2010, p. 112). Nesse contexto, pode-se mesmo dizer que as imagens desses tipos de sonhos são marcas da trajetória da própria existência. E aqui vale retomar uma tese de Foucault anunciada acima, a de que o mundo onírico ou imaginário não é exclusivamente um reflexo de nossas pulsões. Do mesmo modo que as leis do mundo não são apenas decretos de uma vontade, divina ou humana, as leis no mundo imaginário, assegura Foucault, não são também, apenas, decretos do desejo. Nesse sentido, as imagens oníricas, principalmente aquelas dos sonhos de morte e angústia, não devem ser compreendidas somente em seus elementos semânticos cujos significados estão no mundo subterrâneo do inconsciente, mas possuem também leis e formas específicas que são irreduzíveis ao campo psicológico e ao campo do desejo.

Para Binswanger, o ato de imaginar e, portanto, de sonhar, é um ato de transcendência. Nesse sentido, a lei que orienta o funcionamento do mundo imaginário e dos sonhos é a mesma que orienta a própria existência humana em sua abertura ao devir e em seu movimento de sair de um presente conhecido e ir em direção a um futuro desconhecido: a lei da liberdade. É, pois, esse movimento de transcendência que determina, do interior do próprio mundo imaginário e onírico, o funcionamento de suas imagens, suas formas, seus movimentos e suas direções (FOUCAULT, 2010, p. 86). Interpretar as imagens do sonho, nesse contexto, portanto, é compreender o “sentido mesmo da existência” (FOUCAULT, 2010, p. 112), sua trajetória e seu movimento em direção ao porvir.

No “espaço” onírico, são basicamente três tipos de oposições que revelam esse movimento de transcendência: perto/longe, claro/escuro e alto/baixo. Se retomarmos os sonhos investigados acima, percebemos a presença dessas formas: a imagem do trem atrelada à da estação e da alfândega nos faz pensar na oposição perto/longe e a oposição claro/escuro estaria também presente no sonho de Dora com a imagem da floresta espessa.

Muito se teria a dizer sobre as formas de espacialidade das imagens oníricas. Parece-me ainda um tanto enigmático as diferentes funções que Foucault, retomando Binswanger, atribui a cada uma das

oposições. A primeira, longe/perto, garante Foucault, consistiria na expressão épica do sonho; a oposição claro/escuro referir-se-ia à expressão lírica e o movimento de ascensão e queda implicados na oposição alto/baixo seria o elemento mais expressivo do sonho pois seria revelador de seu estatuto propriamente trágico. Não me interessa aqui, contudo, dar conta de toda essa estética existencial do sonho. Creio que com o que foi apresentado já é possível compreender em que sentido, aos olhos de Foucault, a psiquiatria existencial dá um passo além de Freud. Gostaria, então, de passar à conclusão.

## CONCLUSÃO

A partir da leitura que Foucault faz de Binswanger, o filósofo conclui que “[...] a análise do sonho é decisiva para trazer à luz as significações fundamentais da existência” (FOUCAULT, 2010, p. 112), afinal, nele está presente a trajetória da própria existência. A interpretação do sonho, aqui, não tem um alcance meramente psicológico, mas sobretudo ontológico. Confirma Foucault: a análise do sonho, em Binswanger, consiste numa “[...] reflexão ontológica que concerne ao modo de ser da existência como presença no mundo.” (FOUCAULT, 2010, p. 121). Suas análises dos sonhos mostram a vizinhança, ou melhor, a identidade, entre o mundo imaginário e a própria existência, entre imaginar e existir. Nesse sentido, o sonho não é visto somente como expressão de desejos psicológicos, mas como experiência propriamente imaginária e existencial.

Nas palavras de Foucault, o que Binswanger fez ultrapassando Freud, foi, enfim, uma “redução transcendental do imaginário” ou ainda uma “analítica ontológica da imaginação” (FOUCAULT, 2010, p. 131). Além de pensar o sonho como presente que simboliza e diz, por imagens, uma história singular passada, Binswanger apreende o sonho em seu domínio transcendental, apreende, pois, a própria estrutura do ato de imaginar enquanto ato de existir e ato de liberdade. Nesse contexto, podemos dizer que o sujeito do sonho, em Binswanger, é tanto um sujeito empírico e psicológico, quanto um sujeito transcendental, “fundamento de todas as significações eventuais do sonho”; sujeito em-

pírico que aparece como “[...]reedição de uma forma anterior ou de uma etapa arcaica da personalidade [...]” e sujeito transcendental que “[...] se manifesta como o devir e a totalidade da própria existência [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 109). Como dissemos no início do presente texto, a analítica existencial de Binswanger consiste, pois, num saber misto que toma o homem tanto em suas determinações empíricas quanto em sua estrutura transcendental que lhe possibilita a liberdade.

Ao que parece, portanto, para Foucault, a diferença entre Freud e Binswanger pode ser compreendida nos termos da clássica oposição entre determinismo e liberdade. Em seu texto introdutório a Binswanger, de 1954, a tese mais geral de Foucault parece ser a de que enquanto a interpretação psicanalítica dos sonhos enfatiza o caráter determinado destes (o sentido do sonho é dado por determinações inconscientes), em Binswanger, o acento está do lado de seu aspecto de liberdade (o sentido dos sonhos está antes em seu movimento de liberdade). Nada de se estranhar essa leitura foucaultiana, afinal, desde o início do século XX a filosofia francesa tende a reprovar o caráter determinista da psicanálise. O jovem Foucault, nesse sentido, é só mais um que, ao lado de Geroges Politzer, Jean Hyppolite e Merleau-Ponty, para ficar em alguns nomes, critica a psicanálise em função de seus parentescos com as Ciências Naturais e que recrimina Freud por não ter circunscrito o lugar específico da existência e da vida humana no domínio da liberdade. Resta saber, contudo, se realmente é válida a acusação de que a psicanálise desconsidera a capacidade do homem agir livremente. Mas isso seria assunto para outra discussão.

## Referências

FOUCAULT, M. Introdução (in Binswanger). In: \_\_\_\_\_. *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 71–151.

FREUD, S. Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”, 1905 [1901]). In: \_\_\_\_\_. *Obras completas, vol 6*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 173–320.

HYPPOLITE, J. *Psychanalyse et philosophie*. In: \_\_\_\_\_. *Figures de la pensée philosophique I*. Paris: PUF, 1971. p. 373–384.